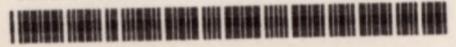
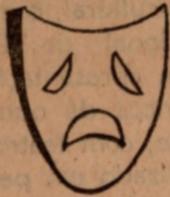


Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030148



TEATRO



EDGAR RIZZO

"GAMINHO DE VOLTA"

Mercado de pressão seria o termo exato para caracterizar nossa sociedade tão imprópriamente chamada de consumo, já que este é inevitável, e existe desde as sociedades primitivas.

E' contra essa sociedade de pressão, cheia de contradições e mentiras, que Consuelo de Castro lança seu brado em "Caminho de Volta". Com muita propriedade, a autora ataca diretamente uma das células mais importantes do mercado capitalista, ou seja, a máquina destruidora da propaganda, imposta pela necessidade de divulgar o superfluo, de impor a mentira, de criar necessidades falsas. Assim o texto envolve cinco personagens ocupando cargos diversos dentro de uma agência publicitária, mais uma a divulgar o consumo em massa, que faz com que o homem tire os artigos das prateleiras e os envie direta e inconscientemente para a lata do lixo. As agências porém, são muitas, e a guerra da concorrência se estabelece, porque afinal os seres que compõe a firma também estão envolvidos no esquema e precisam sobreviver, ou montar um "status" para o qual foram condicionados. Envolvidos nesse esquema, ao qual se entregaram muitas vezes por vocação e com amor, entregam também sua inteligência, sua capacidade criativa, tão solicitada nos dias atuais. E o homem se prostitui naquilo que lhe é mais caro, naquilo que realmente lhe dá condição humana e o distingue do animal. Essa é a pior degradação. Uma vez enredados no sistema, dificilmente conseguem escapar, voltar às origens, empreender o caminho de volta. As prestações são muitas, o apartamento na avenida chique é mais confortável que a casinha do bairro cheia de vizinhos inconvenientes, o "status" é outro, a sobrevivência, enfim, assim o exige. Pobre classe média.

Na peça, apenas o personagem "Cabecinha", considerado pelos outros como meio aloprado, é o único que

consegue empreender o duro caminho de volta, sozinho. Deixa a firma, exatamente quando ela se salva da falência, recusa aumentos, deixa a noiva e também uma dúvida: ficará longe por muito tempo? "Gomes" o patrão afirma que não quando diz: "Bobagem, todo mês ele tem uma recaída, depois ele volta. Ele sempre volta". E diante da insistência da noiva, Nildo reafirma: "Volta. Nem que seja para pegar a papelada do fundo de garantia, ele tem que voltar." Cabecinha é vivido pelo ator Antonio Fagundes, que apesar da televisão (Petruquio do Machão), empresta grande veracidade ao criador de "lay out" da empresa. Seu tipo está próximo ao da novela e não sabemos até que ponto a mesma interferiu em seu papel ou vice e versa, até que ponto foi escolhido para o papel por causa de seu tipo criado no Vídeo. Não deixa dúvidas entretanto que é um excelente ator e possui muitos recursos. Marca presença quando sua dramaticidade cresce gerada pelo conflito da consciência dos fatos: "Eu não queria, eu não queria ter nascido nesta encarnação... mãe existe o ser humano tal como o Charles Darwin dizia? Aquele que deixou de ser macaco a duras penas e subiu na vida, até atingir a consciência? Pergunta então a S. Judas de quem a senhora é tão devota! Mãe, desliga essa televisão e me responde: eu tou louco mãe?" O monólogo continua patético e Fagundes envolve o espectador. Sua saída de cena, ou melhor, a saída de Cabecinha também é muito digna e contundente, apesar dos desencantos e dos esforços tremendos: "Vocês não entenderam, eu vou embora. Embora pra sempre. Eu nunca mais piso aqui, entendem? Nunca mais. Eu não vou trabalhar mais nessa profissão... Vou andar por aí, tirar umas fotografias... agora quem decido sou eu, só eu..."

"Gomes" o patrão (Armando Bogus) também tem seus conflitos. Tem seu "status" a preservar, seu nome, seu orgulho. Afinal são valores adquiridos duramente. E' preciso preservá-los. Sofre, e descarrega seus assessos de fúria em animais indefesos. Chega a retalhar com

uma navalha um cavalo doente da Hípica. Armando Bogus está excepcional. Quem o viu em "Lulu", se decepcionou com sua atuação apesar da grande montagem. Em "Caminho de Volta" ele se reabilita plenamente como ator. Cria o tipo perfeito do capitalista frio, cínico, desejoso de aumentar sempre sua riqueza e atribulado algumas vezes com a consciência e obstáculos da profissão.

"Nildo" o chefe da criação de textos, trilha um caminho oposto ao de "Cabecinha". Vocifera contra a organização social: "Não é lindo voce depender dos clientes e os clientes dependerem do povo e o povo depender de ninguém?", mas diante das necessidades maior de sobrevivência rasteja diante do patrão, se humilha chora e se aniquila para não perder o emprego. Nildo é vivido por Othon Bastos, um dos atores mais completos do Brasil. Ainda nesse semana tivemos a oportunidade de vê-lo no "Castro Mendes" no filme "S. Bernardo" baseado no romance de Graciliano Ramos. Saimos do cinema em estado de graça e o que mais encantou foi conhecer o outro Othon. No cinema é um, no teatro é outro. Ambos sensacionais! Na peça, quando ruga contra o sistema, e depois se contradiz chegando o aniquilamento, dá ao personagem todos os tons das meias verdades. Repetimos: é um senhor ator!

"Nandinho QI" (Oswaldo Camposana) muito bem como cursilista, moralista, se escandalizando com as "festinhas" acontecidas no escritório, dando uma delator, mas que acaba levando a funcionária da firma para o seu sedutor, quando sua situação no emprego fica a perigo.

Finalmente "Marisa" que se torna chefe do departamento de criação da agência, também volta às suas origens, ao seu bairro, mas volta prostituindo-se fisicamente, entregando-se ao dono da tecelagem onde seu pai ficou cego. Tinha que salvar a firma e garantir o salário. O papel foi vivido por Marta Overbeck que está sendo substituída por Rachel Araújo. Percebe-se que a substituição é recente, mas a moça dá conta do recado criando momentos muito bons.

A direção do espetáculo é de Fernando Peixoto. Experiente, culto, seguro, bom diretor, faz de um texto vazado em moldes tradicionais um espetáculo sério e envolvente. Atingiu plenamente a proposição da autora. Afirmamos isso porque tivemos a oportunidade de ler a obra.

Cenário e figurinos de Gianni Ratto bastante funcio-

nais. Muito bom gosto, características naturais do Gianni.

Assistente de direção: Edson Santana; Produção Executiva: Sonia Loureiro; diretor de cena e contra-regra: Bento Anelli; cenotécnico: Jarbas Lotto; Iluminação: José Cornachini; Divulgação: Antonio Maschio. Cartaz do Teatro Aliança Francesa em S. Paulo. De terça à sexta às 21 horas, sábados às 20 e 22 horas e domingos as 18 e 21 horas. Um programa obrigatório para os aficionados do teatro. A produção é de Othon Bastos Produções Artísticas. (continua)

D. ZEZA *Correio Popular 2-2-75*

Maria José Morais Pupo Nogueira é o seu nome. Escritora da terra campineira com vários romances premiados, inclusive pela Academia Brasileira de Letras. Sua humildade talvez, seja uma das causas que atrapaalha maior projeção de seu nome e obras. Entretanto o que a faz comparecer aqui, hoje, é a sua atuação no Teatro "Castro Mendes". Ela é Coordenadora daquela casa de espetáculos. Desde os tempos do Teatrinho da Secretaria da Educação é que conhecemos D. Zéza. Desde aqueles tempos e que conhecemos seu trabalho, seu incentivo e apoio. Quando o "Teatrinho" foi fechado ela passou para uma sala da Prefeitura aguardando a abertura do Teatro Novo. Agora ela está lá de volta. Sempre prestativa. Em contacto com vários grupos de Teatro e seus respectivos representantes, sempre ouvimos referências elogiosas e atuação de D. Zéza. Os que estão surgindo em teatro e que só agora tiveram oportunidade de conhecê-la, ficaram encantados. Logo é imprescindível que ela continue em seu lugar. Rumores surgiram de que ela estava para abandonar o posto. Isso não pode acontecer. Ninguém melhor indicado que D. Zéza para dar continuidade ao trabalho que foi interrompido com a paralização do "Teatrinho". Ela é a pessoa certa para o lugar certo.

Já que o sr. Prefeito tem demonstrado grande interesse em promover teatro em nossa cidade, o que é maravilhoso, damos a seguinte sugestão: Propor à direção (Antunes Filho) de "Ricardo III" de Shakespeare, que será lançada em nossa cidade (lançamento nacional), para que aproveite atores locais para alguns papéis. Sabemos de muita gente boa esperando uma oportunidade. E' so convocar para os testes. Temos certeza que isso seria ótimo para a produção e para Campinas.